



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JANEIRO, DE 2024 - 21H00



### “Dina e Django”, de Solveig Nordlund (1981)

Realização: Solveig Nordlund; Argumento: Solveig Nordlund com Eduarda Dionisio e Luiz Neto Jorge; Direcção de fotografia: Acácio de Almeida; Operador de câmara: João Abel Aboim; Cenários: António Mendes, António Casimiro; Música: Paulo Brandão; Montagem: Teresa Calda , Solveig Nordlund; Som: Maria Paola Porru; Direcção de produção: Henrique Espírito Santo; Chefe de produção: João Franco

Com: Maria Santiago (Dina), Luís Lucas (Django), Benvinda Bento (srª Ana, a avó), Manuela de Freitas (patroa), Sinde Filipe (patrão), Ruy Furtado (Benvindo Rosário, o penhorista), João Perry (amigo dos patrões), Canto e Castro (homem no autocarro), Manuela Fernandes (amiga de Dina), António Montez (motorista de táxi), Genny Frias (mulher do penhorista), Tony Morgon (Pantera), Margarida Carpinteiro (professora), Dalton Salem Asseff (vampiro), Francisco Silva (capitão), Dolores Teixeira Fonseca (criada do penhorista), Alexandre Delgado O'Neill (rapaz no café), Marcello Urgeghe (rapaz no café), João Carlos (filho dos patrões), Ilídio Ribeiro

(homem no carro a quem roubam a carteira), Eduardo Guerra Carneiro (homem no bar), Carlos de Sousa, António Pavão, António Espírito Santo, Cristina, J. Ferreira, Joaquim Furtado (locutor em off:)

Data de estreia: 29.04.1983 no Estúdio 444 (Lisboa)

Duração: 176 minutos





A história indiferente – faltava-nos descobrir a indiferença. No cinema, em Portugal, ela parecia estar-nos interdita. Muitos e muitos filmes portugueses NOS 2 ou 3 anos que se seguiram a 25 de Abril de 1975, por ingenuidade ou convicção, cultivaram a diferença absoluta como uma espécie de emblema da nossa história, da nossa política, da, nossa tradição e da nossa cultura.

O verdadeiro domínio de Dina e Django poderia chamar-se o da não-história, se é que podemos aceitar o paradoxo. Mas é desse paradoxo que eles vivem, nele habitam, ama, edificam Sonhos, imaginam monstros. O seu drama (quer em termos estritamente dramáticos, quer em termos sociais) coincide com a verdade da sua diferença, nunca transformada em bandeira: literalmente a sua in-diferença.

**João Lopes (1983)**



Se o faits divers tem sido desde sempre, matéria para o cinema, em Portugal, é comum que alguém pegue numa notícia de jornal e o trabalho em termos de ficção fílmica.

As razões que têm levado a que tal aconteça não são óbvias e não me vou deitar a adivinhá-las agora. Mas há uma coisa que o faits divers exige: Um argumentista, ISTO é, alguém que passe uma história a planos, diálogos, que estuda a sua evolução dramática, que localize os conflitos e o seu ascenso.

Comecemos por aqui. Dina e Django, a história de dois jovens que em 1974 assassinaram um motorista de táxi e lhe roubaram 370\$00, tem, à partida, um entrecho muito forte. Sobretudo, acrescentemos, porque Solveig Nordlund não ficou pelo lado policial do fait divers, Nem resumiu os protagonistas a estereótipos psicológicos. Solveig Nordlund buscou nos imaginários a raiz das coisas e vale a pena dizer algo sobre isso. Tenho para mim que os gestos das pessoas, o seu quotidiano, são marcados, em boa parte, pela imagem que cada um faz de si, pelo lugar que se atribui no mundo e pela Visão que dele tem. Quer dizer, sobre cada um de nós pesa uma ficção de que somos protagonistas e é dentro dela que NOS mascaramos e agimos. Essa ficção é a intersecção de várias ficções, sendo uma delas coletiva (o tal “destino nacional”) e as outras privadas. É claro que se as ficções têm uma resultante dominante, estabelece aquilo a que chamamos realidade consensual. Só comunicamos uns com os outros porque os nossos imaginários não são disjuntos. Mas quando o universo se destaca desse consenso e quando o vivemos de uma maneira total, Há decerto um conflito mais ou menos violento em perspectiva.

O que a explicita são as determinantes sociais-culturais que vão proporcionar a Dina um imaginário que a aliene da realidade e a faça viver, com Django, um trágico romance de amor. Mas essa diferença está Longe de ser exceção. E a indiferença maioritária da fotonovela, do grande amor contra o mundo, da aventura romântica, sem contactos com a realidade. É um imaginário comum a muita adolescência urbana, sem raízes, só que, por uma vez, levado a sério até às suas últimas consequências.

Projeto aliciante e curioso, história muito forte, dizia atrás. Faltou lhe, para ser uma vertigem, o tal argumentista, alguém que fizesse, com justeza, a transposição dessa história. O filme resulta, mas aquém do que promete.

Vale a pena, porém, realçar o excelente trabalho de Maria Santiago, uma estreada que consegue fazer um personagem comoventemente vulgar (é: a vulgaridade desarmada e sem saída pode ser comovente). E anotar o olhar sobre Lisboa de Solveig Nordlund (a Lisboa do noturno Parque Eduardo VII, dos quartos da Avenida Almirante Reis, dos bares do bairro alto e das Casas burguesas, da Avenida de Roma, a Lisboa dos marginais e dos senhores progressistas da burguesia, dos velhos libidinosos e dos homens de meia-idade que apalpam as raparigas do autocarro, a Lisboa das professoras timoratas e dos falhados, uma Lisboa triste e que está aí.) E ouvir a inquietação da música de Paulo Brandão.

Dina e Django é um filme sobre o kitsch que se atreve a sê-lo muitas vezes. É um olhar emocionado, quente, cheio de solidariedade. As inabilidades expressivas compensadas com uma forte sinceridade. O que diz muito sobre a honestidade desta apropriação da realidade. O fait divers exige que as pessoas se não usem, mas respeitem.

**Jorge Leitão Ramos in "Diário de Lisboa" (09.05.1983)**





### **Filmografia de Solveig Nordlund**

“A Luta do Povo” (1976 - Curta-metragem); “A Lei da Terra” (1977 - Longa-metragem); “Nem Pássaro Nem Peixe” (1977 - Curta-metragem); “Música para Si” (1978 - Curta-metragem); “Viagem para a Felicidade” (1978 - Curta-metragem); “E Não se Pode Exterminá-lo?” (1979 - TV); “Dina e Django” (1981 - Longa-metragem); “Tchiloli - Uma História Imortal” (1990); “Até Amanhã, Mário” (1993 - Longa-metragem); “Bergtagen”(1994 - Curta-metragem); “Comédia Infantil” (1997 - Longa-metragem); “Uma Voz na Noite” (1998 - Curta-metragem); “Aparelho Voador a Baixa Altitude” (2001 - Longa-metragem); “A Filha” (2003 - Longa-metragem), “Amanhã” (2004 - Curta-metragem); “O Beijo” (2005 - Curta-metragem); “Escrever, Escrever, Viver” (2009 - Curta-metragem); “O Espelho Lento” (2009 - Curta-metragem); “A Morte de Carlos Gardel” (2011 - Longa-metragem); “O Meu Outro País” (2014 - Curta-metragem); “Mia Couto - Sou Autor do Meu Nome” (2019 - Curta-metragem)

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 2024**

**“A História Resumida do Cinema Português em 22 Filmes – Volume II” 21H00 (entrada livre)**

**“Crónica dos Bons Malandros”, de Fernando Lopes (1984)**